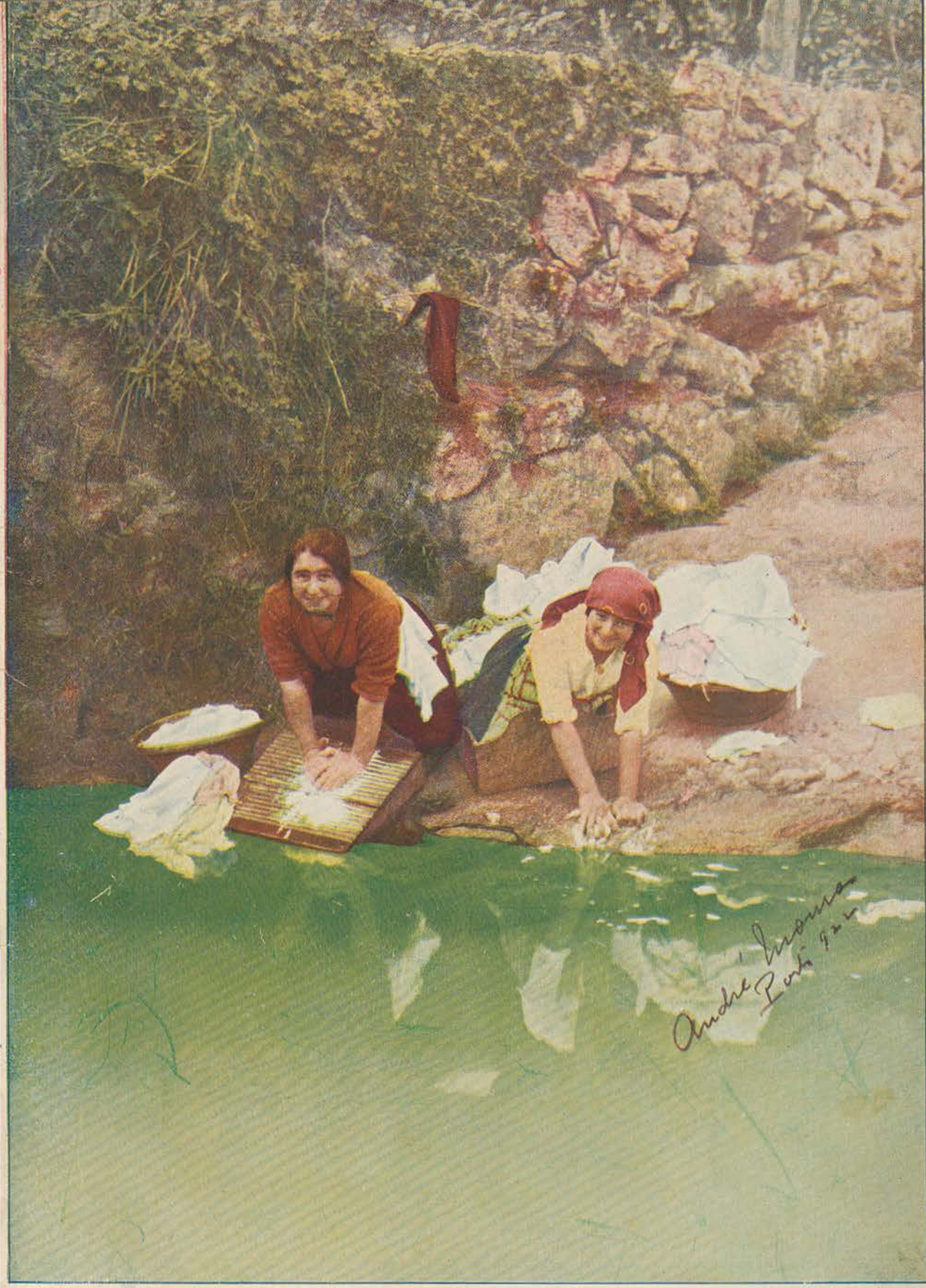


17 FEVEREIRO 1923

Ilustração Portuguesa

2.ª SÉRIE
N.º 887

ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

Edição semanal do jornal «O SECULO»
Redação, administração e oficinas
RUA DO SECULO, 49—LISBOA
Numero avulso, 1$00 (um escudo)

Propriedade da SOCIEDADE NACIONAL DE TIPOGRAFIA
Editor—ANTONIO MARIA LOPES

ASSINATURAS
PORTUGAL, ILHAS ADJACENTES E HESPANHA: Trimestre *1$500*. Semest. *2$50*. Ano *5$500*.—COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre *2$550*. Ano *5$500*.—ESTRANGEIRO: Semestre *3$500*. Ano *7$500*.

DENTIFRICOS
DOS RR PP
BENEDICTINS
DE SOULAC

ELIXIR
PÓ
SABÃO
EM CAIXAS DE ALUMINIUM
PASTA
EM CAIXA E EM BISNAGA
PASTA-SABÃO
EM CAIXA E EM BISNAGA

A' venda em todas as farmacias e casas de perfumaria.
Representante e depositario para Portugal:
A. VINCENT, Rua Ivens, 56, 2.º, Lisboa — Tel. Cent. 1858

Em tres mezes todos podem ser Guarda-livros

DE qualquer casa comercial por mais importante que seja. Habilitação completa e garantida (centenares de alumnos nossos exercem esse logar com toda a competencia nas mais importantes casas. Carta de Guarda-Livros, concluida a habilitação. Matricula permanente. Internato e externato. A 1.ª escola de comercio do Paiz. *Escola Commercial Pereira de Sousa—Séde* Palacete da Rua Breyner, 65—*Porto. Filial de Lisboa*.—Avenida Almirante Reis, 136. *Filial do Rio de Janeiro*—Rua Senador Euzebio, 406.

Corôas
Onde ha o mais chic sortido e que mais barato vende, por ter fabrica propria, é na
Camelia Branca
L.º D'ABEGOARIA, 50
ao Chiado! - *Tel.º 3270*

Vae a Paris???

Não deixe de ir ao Restaurant PORTUGAL rendez-vous da colonia portugueza 167, Rua Montmortre, ao lado dos grandes boulevards. Proprietario: Barbosa Araujo Cosinha e pastelaria portugueza. Os melhores vinhos de PORTUGAL. Pessoal portuguez Onde se come melhor e mais economicamente.

Escola Comercial Pereira de Sousa
PORTO — LISBOA
RIO DE JANEIRO

Instituto de Altos Estudos comerciaes. A 1.ª Escola de Comercio do Paiz. Internato e Externato. Tanto na Séde da Escola, no Porto, como nas nossas Filiaes de Lisboa e Rio de Janeiro, admitem-se alunos internos e externos em qualquer época do ano. 10 cursos Rapidos, em 3, 6 e 10 mezes. Cursos longos, em 2, 3 e 4 anos. Aulas diurnas. Aulas nocturnas.

Envia-se os Estatutos da Escola a quem os pedir.

Unica Escola de Comercio do Paiz que garante a habilitação completa *em tres mezes* para Guarda-Livros.

Séde da escola—Palacete da Rua Breyner, 65. *Porto, Filial de Lisboa*—Avenida Almirante Reis, 136. *Filial do Rio de Janeiro*—Rua Senador Euzebio, 406.

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS
Fazem-se nas oficinas da "ILLUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"
Rua do Seculo, 43 — LISBOA

TODOS OS "SPORTS"

JÁ no nosso numero anterior nos referimos ao encontro internacional Espanha-Belgica, jogado, no passado dia 4, em Anvers, e no qual os espanhois foram vencidos por 1 *goal* a 0. Só agora nos podemos referir, mais pormenorizadamente, áquele encontro, baseando-nos nos relatos dos jornais francezes.

O desafio foi jogado sob uma baixa temperatura, desagradavel e com vento prejudicial. No entretanto, a assistencia foi numerosa, calculando-se em perto de 30:000 pessoas.

As *equipes* representativas dos dois paizes apresentaram-se assim constituidas:

Espanha: Zamora; Vallana e Arrate; Samitiés, Meana e Pe a; Piera, Monjardin; Sesumaga, Alcantara e Acedo.

Belgica: Debie; Swartenbrock e Verbeck; Fierens, Van Halinse e Schellstraete; Bessems, Coppée; Larnoe, Gillis e Bastin.

No começo do *match*, os espanhois conseguiram localisar o jogo no meio campo belga, mas a defeza adversária inutilizou os seus esforços para marcar. Os espanhois deslocam-se com facilidade, dando ocasião a sofrerem grande numero de penalidades.

Na segunda parte, Zamora e Debie jogaram superiormente, sendo colossal o trabalho do primeiro. Pouco depois do começo do segundo tempo e castigando Vallana, foi marcada uma grande penalidade por Coppée, que assim teve ocasião de obter a bola que deu a victoria ao seu paiz. Os espanhois redobraram de esforço e com ataques energicos ameaçaram sériamente as rêdes belgas, mas o *match* terminou sem que fosse marcado mais algum *goal*. O jogo decorreu com grande egualdade, lutando os espanhois com o estado do terreno, muito molhado, que lhe prejudicou o jogo.

—Os resultados dos quartos de finais do campeonato do mundo, de *Lawn-tennis*, sobre *courts* cobertos, que se está disputando em Bruxelas, são os seguintes:

Single: Mishu (romeno), bateu Conitéas (francês), por 2|6, 6|2, 6|1 e 6|0; Gomar (espanhol), bateu Sindreu (espanhol), por 6|4, 6|2 e 6|3. Nas meias finais jogam Gomar contra Cochet e Mishu contra Gilbert.

Doubles: Zegnez-Roosing (dinamarquezes), venceram Frendensthal-Lindstrom (dinamarquezes); Lacoste-Le Bernerais (francezes), venceram Crawleig-Creig (inglezes); Gilbert-Mishu (anglo-romeno), venceram Jaurrieta-Corral (espanhois); Cochet-Conitéas (francezes), venceram Tarruella-Riera (espanhois).

Nas meias finais encontram-se: Zegnier-Roosing e Lacoste-Le Bernerais e Mishu-Gilbert contra Coché-Coniléas.

— O sarau de segunda-feira gorda, no Gimnásio Club Portuguez, decorreu com grande animação, sendo enorme a assistencia.

A direcção do antigo *club* da R. S. Pinto conseguiu que a festa tivesse o caracter desportivo, posto que muito bem mascarada de carnavalesca, seguindo assim os velhos habitos daquela agremiação.

Depois do espectaculo começou o baile, dançando-se com grande entusiasmo até de manhã.

D. C.

O valoroso grupo de rubgy *do Sporting Club de Portugal, que conta uma victoria e uma derrota em* matchs *jogados com o forte grupo inglez do Carcavelos Club*

Capa — *Lavadeiras de Santo Tirso (cliché* André Moura)

O Lar

DA FRIVOLIDADE DOMESTICA — A CASA DO CÃO

O minusculo e inseparavel cãosinho de luxo tambem tem o seu «appartement».

Uma carcassa de arame forrada de seda amarela sobre a qual, formando um entraçado de verga, se cruzam uns fios de «soutache» preta, vermelha ou azul marinho. A orla é coberta por uma grinalda de rosas vermelhas, uma almofada de seda amarela receberá o corpinho do nosso fiel amiguinho e duas cortinas de seda amarela, graciosamente apanhadas aos lados, darão o aspecto elegante e «coquette» do «appartement».

A DECORAÇÃO SOBRE VIDRO

A pintura sobre vidro é um trabalho encantador e de tão facil execução que não pede senão um pouco de paciencia. Todos os cristaes de mesa e de «toilette» ficarão lindos guarnecidos com uma decoração de flores, permittindo assim modernisar um serviço dos mais baratos.

Qualquer que seja o objecto a decorar, o processo é o mesmo; mas deve-se escolher de preferencia as superficies lisas por ser mais facil de colocar um desenho. O assunto da decoração deve ser sempre formado por linhas espressivas, mas sempre de uma grande simplicidade.

Modo de fazer — O objecto de vidro deverá ser esfregado com um pano, humedecido, com alcool, para tirar toda a gordura que possa ter, pois as tintas não aderem ás superficies gordurosas. Para reproduzir o desenho sobre o vidro, prepara-se uma solução feita com giz branco de Hespanha, fazendo derreter um pedaço desta substancia do tamanho de uma avelã em meio decilitro de agua. Com este liquido, assim preparado, pinta-se com um pincel a superficie que se quer decorar; deixa-se secar, aplica-se o desenho preparado sobre o papel e repassem-se todos os traços com um lapis ou com com qualquer objecto aguçado. O desenho assim, reproduz-se sobre a superficie embranquecida do vidro. Para o fixar, é preciso usar um pincel muito fino e bistre desfeito em um pouco de essencia mineral, seguir cada traço e deixar secar durante algumas horas. Para tirar o branco, toma-se um pano seco e esfrega-se até ele sair todo, deixando só os traços dos contornos do desenho.

Depois é só pintar.

Empregam-se dois processos, tão facil um como o outro, mas que apresentam alguns inconvenientes. No primeiro caso, usam-se as tintas de «ripolin» que são usadas exactamente como as tintas a oleo. Essas tintas podem ser misturadas para se obterem bons intermediarios.

Assim o azul e o amarelo dão o verde, o azul e o vermelho o violeta, o amarelo e o vermelho, a côr de laranja. Todas as côres misturadas com o branco, formam os tons mais claros; o azul escuro torna-se azul claro, o amarelo torna-se creme, o vermelho rosa, o côr de laranja o tom de damasco, etc.

As tintas de «ripolin» assim empregadas, espalham-se em superficies chatas ou em linhas de contorno de uma certa espessura. Elas são opacas e imitam perfeitamente os esmáltes cosidos. Não devem ser usadas senão quando estão um pouco espessas, porque quando elas estão fluidas escorrem sobre o vidro e é difícil mante-las nos contornos dos desenhos. Deve-se proceder por camadas, quer dizer: dá-se uma camada de tinta muito leve, deixa-se secar; dá-se uma segunda, deixa-se secar; e assim sempre com todas as camadas que se aplicarem, segundo o efeito que se quer obter.

Para o bem exito do trabalho é absolutamente indispensavel proceder por tons e deixar secar completamente um tom, antes de continuar a pôr outros tons, para evitar que os tons se misturem, pois o «ripolin» tende a formar rapidamente uma capa brilhante, que lhe dá o seu aspecto caracteristico. Mas, uma vez seco, nada disto acontece, se houver o cuidado de começar a dar a tinta do contorno para o centro.

ALIMENTAÇÃO INFANTIL

A alimentação de uma creança entre os tres e os oito anos, chamado o regimen da segunda infancia, deve ser extremamente simples. Temperos apenas os indispensaveis; a manteiga e o sal. Exclusão absoluta de carnes indigestas, como a carne de porco, a caça, os mariscos, e de um modo geral os molhos artificiaes e compostos. Horas certas para as refeições, pondo de parte os bonbons, os doces de pastelaria e todos os excitantes: café, chá e vinho.

O melhor regimen é o seguinte:

De manhã, ao levantar, depois do banho, uma chavena de leite, um ovo quente e uma torrada. Ou então cacau de aveia, com bastante leite, e uma torrada.

Ao meio dia o jantar, composto de sopa e um prato, que pode ser peixe cosido ou grelhado com molho de manteiga; galinha cosida ou assada com arroz, legumes ou puré de batatas; um bife de carneiro ou de vitela com batatas cosidas, fritas ou assadas. E para sobremesa: fruta assada, cosida ou em compota.

A's quatro horas um «lunch» que pode ser uma chavena de leite e um pedaço de pudin, feito em casa, umas bolachas, etc.

A's seis horas a ultima refeição, que deve ser muito leve e constituida por qualquer coisa de facil digestão: farinha de arroz, semula, aletria, araruta, etc. Atendendo a que a creança deve deitar-se cedo, é preciso proporcionar-lhe uma alimentação tal, que os fenomenos da digestão não lhe vão prejudicar a tranquilidade do sono.

O «menu» convem que seja todos os dias variado, por que o paladar da creança facilmente se cança, passando a não se alimentar suficientemente.

Nesta idade é preciso vigiar não só a alimentação como a mastigação. No geral a creança não sabe mastigar (o que aliás sucede a muita gente boa) o que é a origem de perturbações do organismo; é necessario habitua-la a mastigar bem e a tomar o leite devagar e aos goios.

OS CHÁS

Se ha uma moda que presista e se acentue, é a de convidarmos as pessoas da nossa amisade e relações, para, sob o pretexto de tomar uma chavena de chá, passarmos umas horas com o prazer da sua companhia.

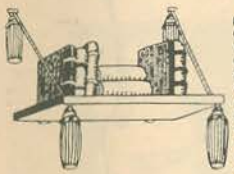
Não cremos que seja preciso ir á mais alta antiguidade para descobrir a origem destas reuniões. Mas, uma vez a ideia achada, ela fez o seu caminho e impoz-se no espirito pratico dos nossos contemporaneos, substituindo, com vantagem, os fastidiosos jantares pelos alegres e, sobre tudo, mais economicos chás, podendo o chá banal tornar-se uma reunião de arte, graças ao esmero, á elegancia e á inteligencia da dona da casa, que nos proporciona assim uma reunião encantadora sob todos os pontos de vista.

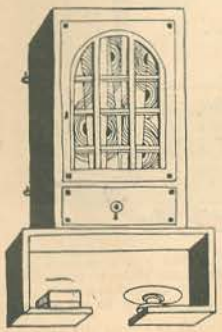
Quanto ao arranjo da mesa do chá, não deve ser muito complicado. A maneira mais moderna de o fazer consiste em lançar mão de «potiches» com flores ou petalas de rosas ou violetas, atiradas sobre a toalha bordada. Uns pratos de sandwichs, croquetes, bolos e bonbons ajudarão a aformosear o conjuncto.

A DECORAÇÃO E O PAPEL DE FORRAR CASAS

Quem não tem dinheiro para comprar seda com que forrar a parede das suas salas, nem por isso deve perder a ideia de deixar de as ter. Não tem seda tem papel e isso basta. Tambem os que as forram a seda é porque não teem Gobelins preciosas e assim a seda está para o Gobelin e para os panos de Arraz como o papel está para a seda. Cada um como pode sem vergonha do mundo. Pois a leitora tem lindos papeis e é só uma questão de bom gosto, devendo preferir os de uma côr unica ou com desenho pouco berrante. Para os gabinetes de trabalho ou escritorios a côr preferida é a carmezim simples, côr lisa, para os quartos côres claras, o azul é o melhor. Para uma casa de jantar o verde em cima e em baixo um roda-pé, até á altura do *lambris*, castanho a imitar madeira ou couro. E' como tudo o mais. Não uma questão de dinheiro mas uma questão de gosto. Ha casas forradas a papel que valem sob o ponto de vista estetico mais do que muitas forradas a seda.

UM GRACIOSO E ORIGINAL ARMARIO-FARMACIA





Desde o simples «etagère» feito duma taboa que se prende á parede nas suas duas extremidades por um cordão terminado por uma grande borla até ao pequeno «armario-etagère» feito para aproveitar um pedaço de couro trabalhado, dum velho bahú, onde se poderá guardar os utensilios de farmacia que em todas as casas deve haver: um pacote de algodão, umas ligaduras, uma garrafa com borato de sodio, um frasco com tintura de iodo, outro com alcool e uma bisnaga de vazelina esterilisada, para no caso de um golpe ou de uma queda poder facilmente desinfectar-se a parte atingida, porque muitas vezes em, dias feriados, as farmacias abertas ficam um pouco fóra de mão; e nem só quando faz trovoada nos devemos lembrar de Santa Barbara.

∴

Se és pobre não faças doce todos os dias. E' que para um orçamento limitado o muito doce — amarga.

CALENDARIO DA SEMANA

Fevereiro—28 dias

18 — Domingo — S. Teotonio.
19 — Segunda feira — S. Conrado.
20 — Terça feira — S. Eleuterio.
21 — Quarta feira — S. Maximino.
22 — Quinta feira — Santa Margarida.
23 — Sexta feira — S. Pedro.
24 — Sabado — S. Sergio.

Menu da semana

Domingo

Almoço
Sardinhas fritas com batatas cosidas
Lingua com molho branco
Café com leite

Jantar
Sopa de pão
Cabeça de porco com grelos de nabo
Peixe frito e batatas fritas
Arroz doce

Segunda feira

Almoço
Costeletas de porco fritas com salada de alface
Omelete á jardineira
Café com leite

Jantar
Sopa puré de feijão com pão torrado
Croquetes de peixe
Lombo assado com couve flôr
Pudim bom bocado

Terça feira

Almoço
Carapaus com batatas fritas
Macarrão á italiana com rodelas de salame e tiras de presunto
Café com leite

Jantar
Caldo verde
Arroz de bacalhau com filetes de bacalhau
Perna de carneiro assada com salada
Pudim economico

Quarta feira

Almoço
Bacalhau guisado com batatas
Ovos mexidos com murcela
Café com leite

Jantar
Sopa de pão
Carne guisada com cenouras, nabos e batatas
Lingua estufada com salada de agriões
Pudim de frutas

Quinta feira

Almoço
Atum cosido com batatas
Omelete de carne
Café com leite

Jantar
Sopa de peixe
Filetes de pescada com puré de batata
Carne de porco assada com salada de chicoria
Pudim de mel

Sexta feira

Almoço
Arroz de polvo
Presunto á jardineira
Café com leite

Jantar
Sopa de arroz
Polvo de caldeirada
Frango salteado com salada de alface
Pudim de abobora

Sabado

Almoço
Caçdo de caldeirada
Ovos estrelados com fatias de presunto
Café com leite

Jantar
Sopa de nabos
Peito de vitela guisado com batatas, nabos e cenouras
Coelho guisado com arroz
Pudim farto

Silva Poetica

CARTAS

Sorri-me a ventura quando
Pégo da pena a escrever-vos:
Vou-me iludindo, pensando
Que estou comvosco falando,
Em na realidade vêr-vos.

E o certo é que essa ilusão
Me dá o contentamento
De vêr-vos no coração,
Vêr-vos na imaginação,
Vêr-vos no meu pensamento!

É um gosto contrafeito
Mas que a dôr da ausencia acalma!
Pois vivo assim satisfeito,
Vendo-vos dentro do peito
Com os olhos d'minh'alma!

E é um bem imaginar
Que vos tenho ao pé de mim;
Que eu não posso socegar
Sem vos vêr e vos falar...
Por isso me iludo assim...

Ilusão consoladora!
Nela vivo com saudade,
Contando as horas, Senhora,
Emquanto não chega a hora,
De vêr-vos na realidade!

II

Inda um dia hei-de cortar
Esta minha mão direita...
Quieta não pode estar,
Sempre a pena ha-de empunhar,
Só a escrever-te se agita...

Quando a tua mão aperta
Para aos labios ma trazer,
E sabido, é coisa certa:
Logo o desejo a desperta
De começar a escrever.

Lá porque o meu coração
Só por ti sabe pulsar,
Ha-de ir esta minha mão
Cometer a indiscrição
Do meu amor confessar?

É teimosa, tu bem vês;
Mas um dia hei-de ensiná-la
A não dizer tanta vez
Que a vida minha tu és...
Inda um dia hei-de cortá-la...

III

Deitei-me a noite passada
Tão tarde, por causa tua!...
Tão tarde, que a madrugada
Já vinha fresca e rosada
A empalidecer a lua!
Vinha já a amanhecer;
Já as estrelas até
Tinham-se ido recolher...
Que haviam de elas fazer
Se tu estavas de pé!?...

Não vendo o tempo fugir,
Estive sem descançar
Até a manhã surgir:
Toda a noite sem dormir,
E toda a noite a sonhar!...
Ao pé de ti! bem quizera
Que a noite fosse sem fim
Que nunca me amanhecera!
Toda a vida, ai! quem me dera
Perder as noites assim!...

IV

A pena me vale agora
Nesta anciedade infinita
De falar-te a toda a hora:

E no entanto, alma bemdita,
Não te devia escrever...
Que é já de mais tanta escrita.

Mas não me posso conter,
Porque se a escrita é assim,
Tambem o meu bem querer

É de mais, porque é sem fim:
Já me não cabe no peito,
Não cabe dentro de mim!

Por isso bate desfeito
O meu pobre coração,
Neste anceio insatisfeito

Nesta doida aspiração
De subir ao seio teu
Em busca da salvação.

Que lindo sonho este meu,
— Da minha alma doce abrigo! —
Sempre a sonhar com o ceu.

Desde que sonho comtigo!

JOSÉ CORDEIRO.

(Do livro Coração meu)

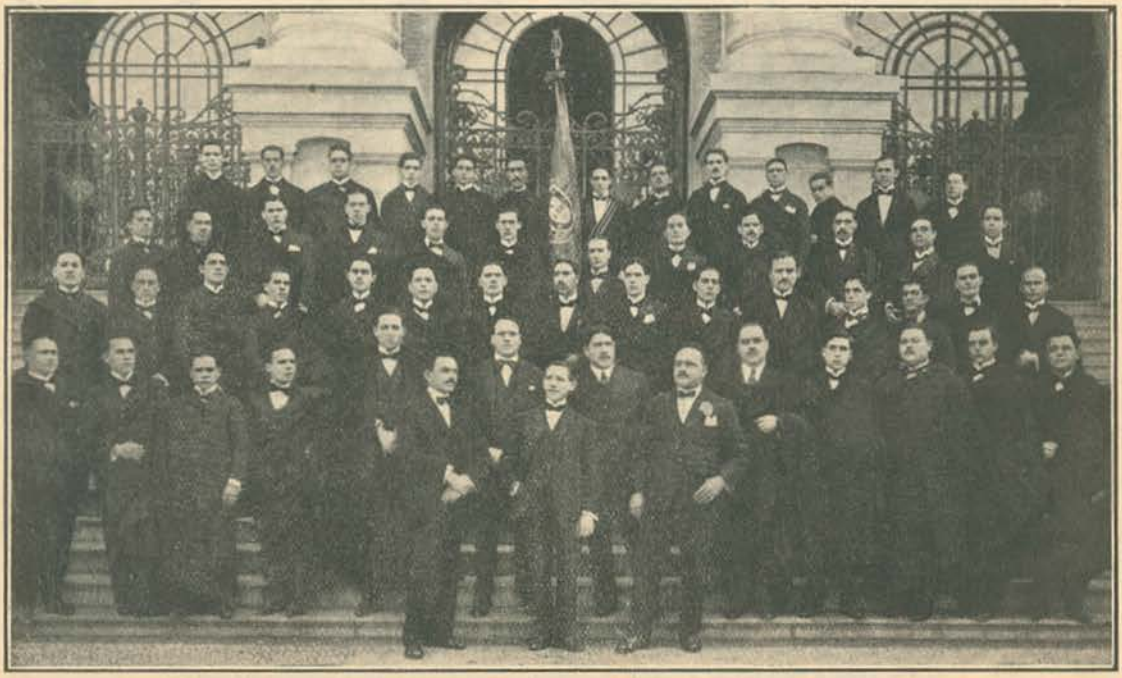
O COMPRADOR EXIGENTE

por BERNARDO MARQUES

ELE — Não tem melhor?
ELA — Estou a mostrar-lhe o melhor que tenho. O que ainda posso é mostrar-lhe mais...

PORTUGUEZES NO BRASIL

TUNA DO ORFEON PORTUGUEZ DO BRASIL, de que é regente o sr. João Pereira



ORFEON PORTUGUEZ DO BRASIL (Rio de Janeiro) de que são: regente, o sr. José Martinez; presidente, o sr. Domingos Neto e fiscal o sr. Adeodato Pacheco

MISTERIO E MAGUA

JÁ passava das duas e meia da madrugada quando Amparo entrou em casa. Respirava com dificuldade, como se estivera em risco de sufocar-se, angustiosamente.

De repente, rompeu em chôro, e o pranto derramado foi, para ela, um alivio. Um pouco menos aflita, poz-se a meditar:

O que me sucedeu esta noite?! Estava em uma das galerias do palacio, encostada á janela que dá para o jardim, descansando, em um um dos intervalos do baile. Sentia-me feliz:

Do jardim, em silencio, subia até mim uma onda de ar saturado de flôres e, por detraz da densa obscuridade, os meus olhos, atentos, divisaram qualquer coisa que se me afigurou ser um pedacinho de carvão em braza, suspenso na atmostera.

D'onde procedia?

Conheço o jardim: orientei-me, sem dificuldade, com a vista e não demorei em descobrir que aquela luz, que vinha dos canteiros, não estava suspensa no ar, mas era o prolongamento de um braço, esse braço era de homem, e esse homem não estava, ali, de vigia, nem apenas para tomar fresco. Alguem, uma sombra sem contornos precisos, se movia ao lado d'êle.

Familiarisados com a escuridão, meus olhos profundavam, intensamente fixos, a espessura das arvores do jardim. Quem poderiam ser esses isolados confidencialmente, no escuro d'um canto? Uma mulher e um homem? E para que aquele misterio? para que esconderem-se dos demais convidados da festa?

Levantou-se, a subitas, um vento de furacão,que varreu a crosta de nuvens que empanava o limpido crescente da lua. A aberta do ceu permitiu-me vêr, um pouco melhor, o que se passava em plena terra. De facto, uma sáia que parecia ser de tule ou de fazenda muito fina, flutuou movida pelo vento...

Quem poderiam ser?

Uma obscura duvida se insinuou em minha alma, e tive como que o presentimento de que aqueles dois seres não fossem estranhos á minha pessoa e ao meu destino.

Nunca sentiram, no espirito, a resonancia de palavras pronunciadas longe? Nunca adivinharam, ao entrar n'uma sala, ou n'uma reunião, a existencia de qualquer coisa francamente hostil e perigosa, que alguem nos odeia ou pensa em fazer-nos mal?

Sem explicar-me porque, presenti que ali em baixo, no jardim, se ocupavam de mim. Como certificar-me? Como sahir de penosa duvida?

Buscando um meio de fazêl-o, recordei-me de que o toucador preparado para as senhoras que assistiam ao baile era no andar terreo, e, para subtrair-me á atenção — quem sabe se ás suspeitas maliciosas da creadagem — deslisei pela escada interna, que conheço por têl-a descido muitas vezes, indo para a sala de musica; assim como me recordei, tambem, de que o toucador tem uma janela que dá para o jardim.

Em poucos minutos estava de atalaia. Finalmente, ia dissipar-se a minha inquietação, ia informar-me, talvez sofrer uma grande magua!

Aproximei-me cautelosa, debruçando fóra da janela quasi metade do corpo, em risco de cair, ávida por ouvir, confusa, anhelante. Tinha a cabeça congestionada, oprimida a respiração,

velados os olhos por um nevoeiro de lagrimas.

Escutei: De principio só chegou até mim o rumor da agua gotejando sobre a concha de marmore da fonte central do jardim, depois o rumorejar das folhas das arvores, sacudidas pelo vento. O par continuava sentado sobre um banco de pedra, em atitude de confidencias trocadas.

Quem eram? Toda a energia do meu ser se se me acumulou nos ouvidos. Até que por fim, depois de esperar meia hora, distingui um sussurro de palavras.

— O casamento, — dizia ele — resolve o problema. E' a vida garantida...

Entrou em mim, aquela voz, com um fio de agua gelada na carne maguada de um ferido. Continuei prestando atenção. Falava ela. Por mais que fizesse, por mais que lhe procurasse os meios, foi impossivel perceber o que dizia. Nem o tom d'essa voz me chegava. Ele tornou a exclamar:

— Não é bonita, nem inteligente, mas é rica! Parecemos-nos nos titulos, pois que o meu procede de um Lopes de Ayala. Sou senhor do vale de Llodio, da torre de Orozco, alcaide-mór e meirinho da Vtctoria, e chanceler de Castelia; quero dizer — acrescentou, rompendo em sonora gargalhada — devia ser tudo isto, conforme os fóros dos meus antepassados. Actualmente sou, apenas, um cavalheiro roído pelas dividas, sedento de gozo e sem uma peseta...

Tampouco ouvi o que ela replicava. Apenas me chegaram duas palavras proferidas por voz de mulher: — Pobre diabo!...

Compreendi que era de mim que estavam mofando, os dois, e descobri que, entre essa mulher e esse homem, ha o quer que seja que cavará a minha desventura... mas que eu destruirei, malograrei, aniquilarei com todo o poder da minha força de vontade e da minha dignidade.

.....

Amparo levantou-se da poltrona e encerrou-se, chorando, no quarto. Pediu com que escrever — e deu a entender concretamente, redondamente a alguem — um homem — que sabe o quanto a felicidade conjugal é incompativel com certas perambulações nocturnas pelo jardim da duqueza...

MANOEL BUENO.

BEBAM AGUA

de

S. MARÇAL

TELEF. C. 1566

Restaurant Bonjardim

9, T. de Santo Antão, 11

Jantares e almoços de mesa redonda e por lista. — Um habilissimo cosinheiro dirige o magnifico serviço de cosinha.

Dr. Bengué. 47, Rue Blanche. Paris.

BAUME BENGUÉ

RHEUMATISMO-GOTA
NEVRALGIAS

Venda em todas as Pharmacias

HOTEL CECIL

As pessoas que visitam Londres encontram no Hotel Cecil jnstamente o que esperam encontrar de um dos hoteis de maior fama do mundo; Todos os confortos e cosinha esmerada. Serviço feito sem ruida e sem incomodos. Distinção e alegria.

O Hotel Cecil está magnificamente situado exactamente no centro de Londres, frente ao rio Tamisa, bem colocado, por consequencia, quer para tratar de negocios quer para divertimentos. Tem grandes salões de jantar, *grill rooms*, salões aparentemente completos emfim, todas as comodidades previstas e necessarias em um hotel moderno.

HOTEL CECIL

LONDON

Ilustração Portugueza

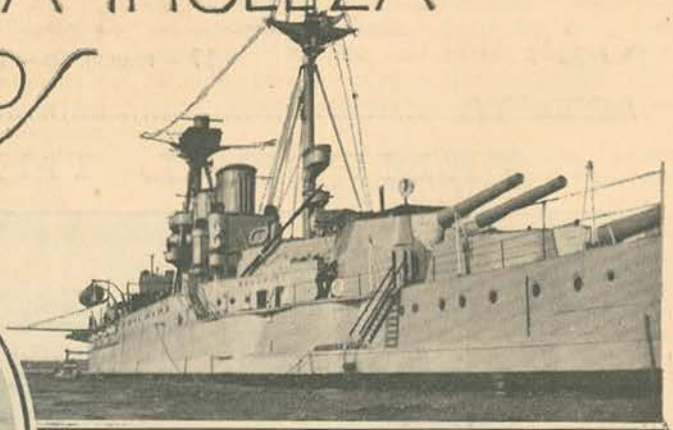
2.ª SÉRIE — 17 — FEVEREIRO — 1923 — N.º 887

TEMPORAL INDISCRETO

Graças ao temporal, que tão violentamente se fez sentir em Lisboa durante a noite de 8 para 9, os tapumes que ha longos mezes encobriam, no Campo Grande, o monumento da Guerra Peninsular, voaram pelos ares, arrebatados pelo vento, o qual tomou, assim, a iniciativa de uma inauguração que ameaçava realizar-se... para as calendas gregas

(Cliché Salgado)

A ESQUADRA INGLEZA EM LAGOS



NO MEDALHÃO- scaler conduzindo inglezes para terra. EM CIMA-Um episodio da luta de tracção entre inglezes. Á' ESQUERDA-Jogadores do «foot-baal», portuguezes e inglezes

A esquadra fundeada em Lagos (Clichés A. Santos)

Francisco Elias dos Santos

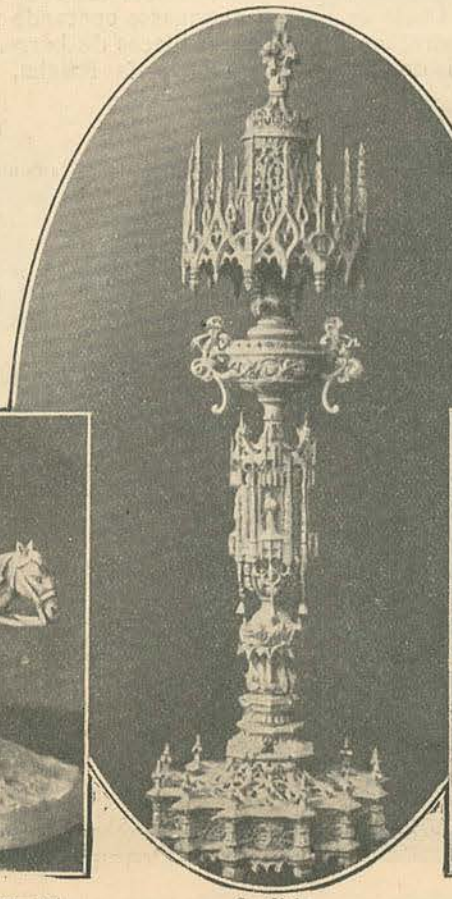
O GRANDE ARTISTA DAS MINIATURAS EM BARRO.

NÃO necessita de apresentação.

Aluno do inolvidavel Rafael Bordalo, possue a magia de imprimir ás suas encantadoras miniaturas a alma da Verdade do Eça. No mais microscopico «detalhe», no imprevisto de correcção peregrina com que delinia as personagens tão pequeninas no barro, mas tão grande em Arte, Elias impõe-se como o primeiro miniaturista da Peninsula. Excessivamente modesto, é como que envergonhado que, no seu pequenino «atelier», nos abisma com as maravilhas que produz. Num recinto acanhadissimo, por vezes acompanhado da filhinha, que é os seus enlevos, o grande artista caldense passa a existencia insuflando ao barro a vida, cedendo á arte trabalhos que mais ninguem faz. Por ali tem perpassado quanto mais distinto possue o paiz.

Os seus trabalhos são sempre duma originalidade unica, não tendo duas produções sobre o mesmo assunto, precisamente eguaes. A's miniaturas em barro dos quadros de Vinci e de Rafael, seguem-se as de Miguel Angelo. E ao par desse conjuncto maravilhoso de obras dos mais brilhantes vultos que fulguram na Historia da Arte, como corpos de primeira grandeza, a reprodução da alma nacional no «Fado», de Malhôa — outro caldense —, na «Musica do Zé Pereira», no «Peditorio para Romaria», e muitas outras. A reprodu-

Peditorio para a romaria (Estatueta)



Candieiro

Musica do Zé Pereira (Estatueta)

ção, em proporções tão minusculas quanto admiraveis pela fidelidade da copia, dos trabalhos de Rafael Bordalo Pinheiro, destinados ás capelas do Bussaco, são um assombro! E esse candieiro encantado que prende todas as faculdades de quem o contempla?!

Depois de muito instado pelo grande amador da Arte, já falecido, sr. Higino de Mendonça, expoz Elias dos Santos, em 1920, os seus trabalhos, na Sociedade de Belas Artes de Lisboa, conjuntamente com a de pintura d'aquele seu amigo e filha deste, a sr.ª D. Henriqueta Cardoso de Mendonça, ouvindo então da boca do Chefe de Estado palavras de incitamento e admiração.

Concorreu tambem á exposição do Palacio de Cristal do Porto.

Admiradores do seu talento e concordando com que, ás Caldas, se impunha um tributo de homenagem, que perpetuasse o nome de Francisco Elias dos Santos, os srs. Hipacio de Brion e Pedro Joice Diniz tomaram a iniciativa da construção dum vasto «atelier» destinado ao artista, num dos melhores pontos da vila, sendo auxiliada, essa iniciativa, por diversos elementos que a acariciaram com o espirito de justiça, que ela inspirava. Mas o preço exorbitante dos materiaes de construção sustou a obra, e assim nos encontramos privados desse belo recinto cheio de luz e de Arte, onde Elias continuasse operando milagres nos seus pequeninos blocos de barro.

Um Presepio (Original)

Caldas da Rainha, 1 de Fevereiro de 1923.

J. PIRES MACHADO.

(Clichés, Alvaro da Cunha e Souza.)

Secção Editorial de O SECULO

Enciclopedia Popular Ilustrada
"PORQUE COMO E PARA QUE"

Estão publicados 8 fasciculos, a saber:

O MILAGREIRO DE NANCY
MARAVILHAS DO INFINITO
ESTADOS UNIDOS DO BRASIL
GRAVIDEZ E MATERNIDADE
A NOBRE ARTE
COMO SE FALA COM OS MORTOS
A FISICA EM 26 LIÇOES
BOAS MANEIRAS

No prelo:

OS SEGREDOS DA ATMOSFERA, — AVICULTURA, FOOT-BALL, ETC., ETC.

Cada facisculo ilustrado, 50 centavos.

COLECÇÃO DE ROMANCES ILUSTRADOS

Estão publicados 4 romances a saber:

O ARCO DE SANT'ANA, do Visconde de de Almeida Garrett.

CARMEN de Prosper Merimée.

CADEIA DE CRIMES, de Guy Thorne.

O HOMEM DA ORELHA QUEBRADA, de Edmond About.

No prelo:

QUOD VADIS? — CATOLICOS E HUGONOTES —OS ULTIMOS DIAS DE POMPEIA

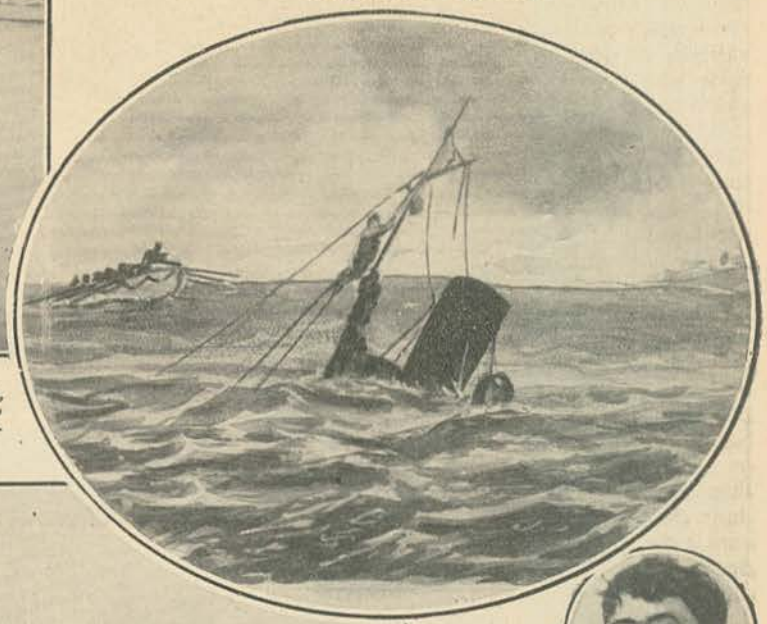
Cada romance completo, 1 escudo.

A tragedia do "Rhono,,

Doze horas em lucta com as ondas

Da tripulação, composta por 7 homens, salvaram-se apenas 2

O valente QUIRINO LOPES, o Peniche, *descendente d'esse outro bravo, o patrão Joaquim Lopes, a quem os dois unicos sobreviventes devem a vida*



O fogueiro Alfredo Simões

OS DOIS SOBREVIVENTES

O piloto Santos Marnoto

Os naufragos sobreviventes na enfermaria do Instituto de Socorros a Naufragos, em Paço d'Arcos

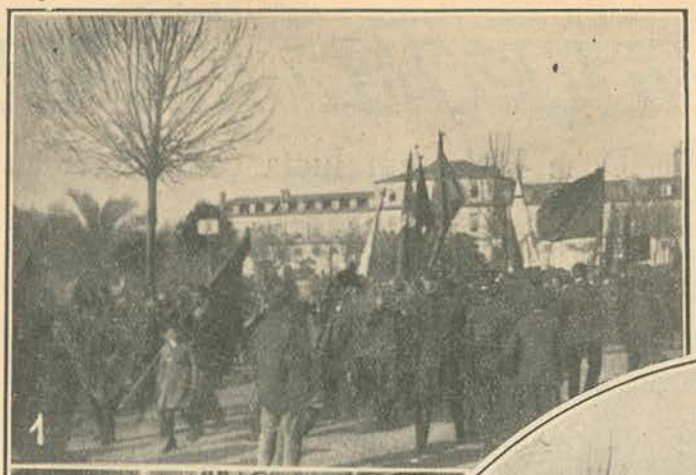
O temporal que se fez sentir no paiz, dura nte os dias 8 e 9 do corrente, determinou, entre outros desastres, um naufragio perto da torre do Bugio, em que perderam a vida 7 homens, tendo-se salvo os 2 restantes da tripulação do navio naufragado—o rebocador *Rhono*, da empresa das Minas de S. Domingos, que vinha para Lisboa a receber concerto—devido apenas á heroicidade da tripulação do salva-vidas *Patrão Joaquim Lopes* e, em especial, de Quirino Lopes, que, lançando-se ao mar, com iminente risco da propria vida, logrou realisar os salvamentos. Ao heroi, o nosso mais entusiastico aplauso e, pela memoria das victimas, o nosso mais maguado sentimento.

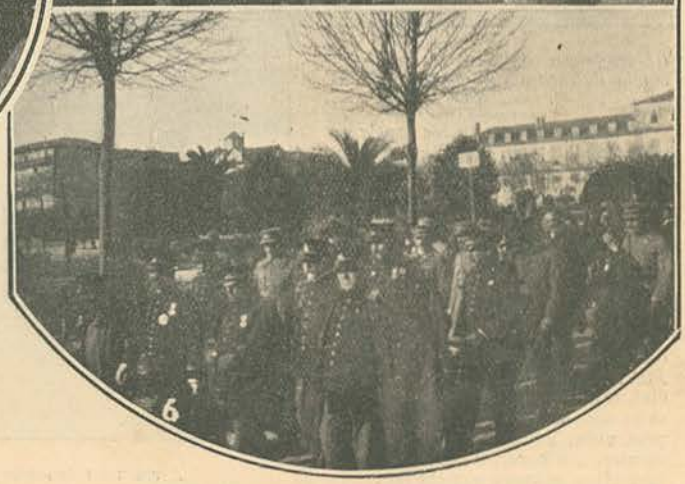
A valente tripulação do salva-vidas «Patrão Joaquim Lopes»

(Clichés Salgado.

O 31 DE JANEIRO NO PORTO

O cortejo civico
ao tumulo dos vencidos
no cemiterio
do Prado do Repouso

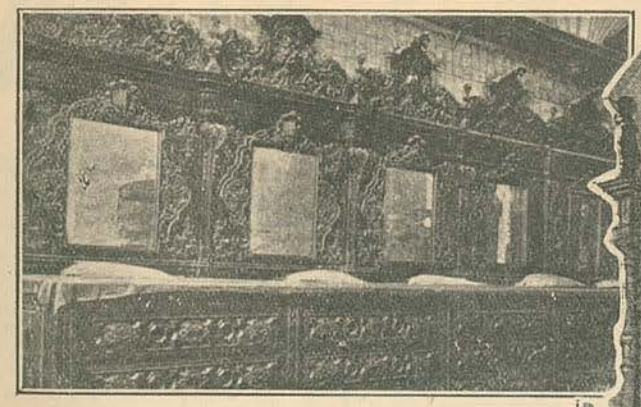




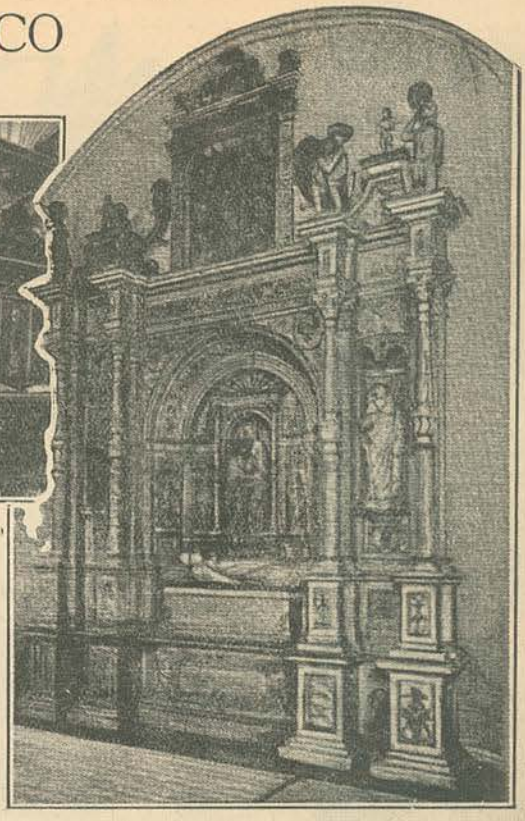
1 — Organisação do cortejo.
2 — Chegada dos primeiros manifestantes.
3 — Desfile dos internados do Asilo Profissio-do Terço.
4 — Comandantes e oficialidade da Guarda Nacional Republicana.
5 — Oficiais e praças de policia.
6 — Revolucionarios do 31 de Janeiro.

(Clichés, Santos Apostolo.)

PORTALEGRE ARTISTICO



Guarda-alfaias da Sé Catedral



Tumulo de D. Jorge de Melo

A provincia — a provincia menos conhecida, claro — tem, tambem, disseminados, bocados que convidam a uma visita.

E' o caso dos representados por estes quatro «clichés» de Portalegre. Portalegre é a cidade transtagana mais bem situada. Visinha de Castelo de Vide — a «Cintra do Alentejo», no dizer do Mestre — forma com ela e com o Marvão o triangulo mais interessante que em todo o vasto Alentejo se conhece.

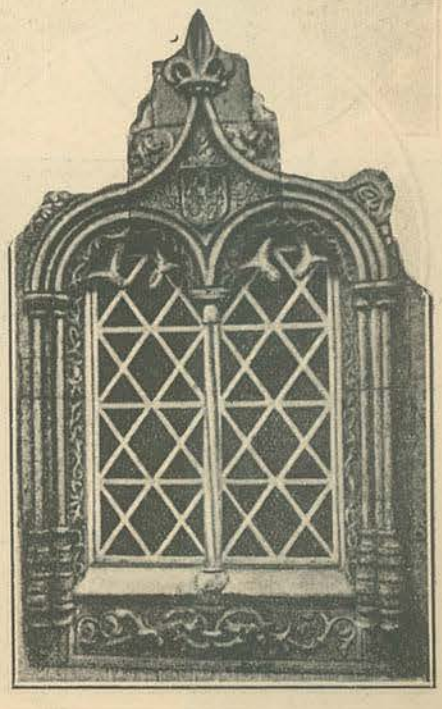
Deixa-nos entrever, um d'esses «clichés» a extraordinaria beleza da porta da igreja de S. Bernardo; outro fornece-nos uma pálida idéa do que é a obra grandiosa — a mais grandiosa que, em tumulo, se conhece — do tumulo do fundador do convento de S. Bernardo, D. Jorge de Melo. E' todo em marmore.

Outro «cliché» mostra-nos ainda uma obra valiosa, obra que faz o pasmo de quantos a admiram. O guarda-alfaias da Sé Catedral, todo em talha, trabalhada a não parecer por mãos de homem. E' d'aquelas obras perante as quais pasmam artistas e indiferentes, leigos e apreciadores.

O ultimo «cliché» é duma janela alteada — por modéstia do artistista ou mau gosto ds proprietario — na casa ali da rua 19 de Junho, que foi palacio dos condes de Vila Real. E quantas pessoas que teem estado em Portalegre não viram esta joia em granito...

Porta, estilo Renascença, da igreja de S. Bernardo

C. MOURATE.



Janela estilo Manuelino do antigo palacio dos condes de Vila Real

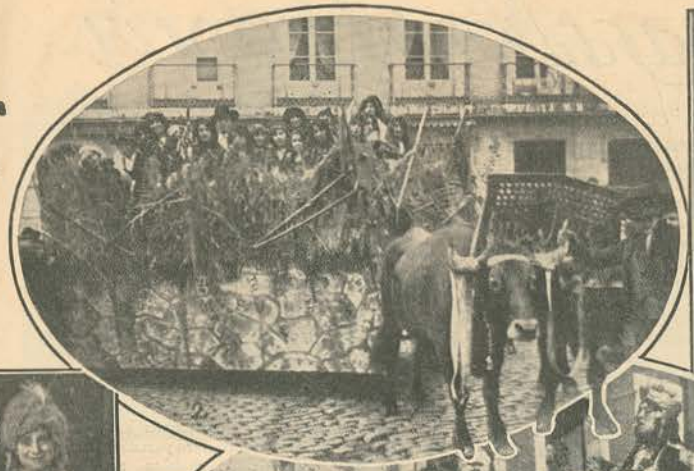
O CARNAVAL EM LISBOA

Pelas ruas e nos bailes infantis

Um cão... palhaço
A menina Henriqueta Ramos Finzi, de Artes Reunidas

O Cisne, *carro do sr. Vital Prista*

A menina Maria Laura d'Almeida Ramos, de Dama Antiga



O Carro da Agricultura, *do sr. Daniel Domingos Torres*
Uma palida reconstituição da antiga Dansa da Bica

A menina Regina Costa, de Balão Veneziano

Algumas das creanças mascaradas que percorreram as ruas e concorreram aos bailes infantis

(Clichés Salgado)

Paginas da Nossa Historia

A cidade da Guarda

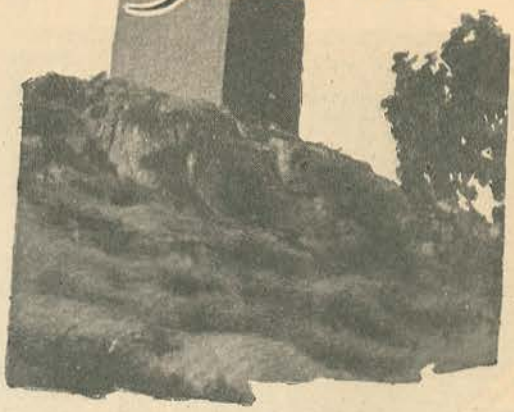
A Guarda, cidade, perdida entre as altas serranias da Beira Baixa, nas faldas da Serra da Estrela, teve na nossa Historia um papel bem notavel.

Como o seu nome indica, foi o posto sempre álerta contra incursões do inimigo, desde os primeiros tempos da nacionalidade portugueza. Assim, foi D. Sancho I que, no logar onde agora se ergue esta cidade, mandou construir uma atalaia ou guarda — donde deriva o seu nome — rodeada de muralhas. Com Trancoso e Celorico, formava um triangulo de vigias áquem fronteiras, dificilmente transponivel por invasores.

Era outrora a Guarda uma das cidades mais fortes do reino. Das antigas fortificações, existem ainda 6 portas, varias torres e o arruinado castelo, que está situado no ponto mais elevado da cidade (4.400 pés acima do nivel do mar). Deste castelo alcança-se uma extensão de terreno assombrosa.

Para o Oriente, no limite d'uma larga faixa pouco ondulada, que, no fundo da colina onde assenta a Guarda, se desdobra, divisam-se novas montanhas, primeiros pendores do planalto de Castela, algumas já terras de Hespanha. Para o Ocidente, transposto o Mondego que murmura em profundo vale, destaca-se a extremidade NE da Serra da Estrela, e, mais ao Norte, entre montes meio esbatidos pela distancia, nota-se o Castelo de Celorico, rodeado de pontos brancos formados pelo casario. O monumento mais importante que se levanta na Guarda é a sua sumptuosa Sé.

Começada por D. João I, a pedido dos bispos que nessa cidade residiam, só se concluiu do reinado de D. João III, depois de varias interrupções.



O castelo

=E' uma das mais vastas e elegantes catedraes de Portugal, pela sua bela arquitectura puramente gotica. Tem, no interior, artisticos e valiosos marmores e obras de talha. Ultimamente, tem sido beneficiada com importantes reparações, que bem necessarias se tornavam.

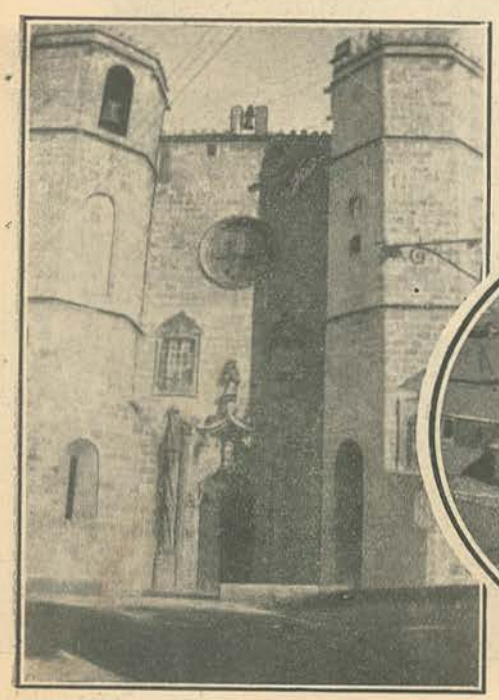
Não foi esta a unica Sé que a Guarda possuiu. Em tempos anteriores tinham existido duas catedraes, de menores dimensões, que foram sucessivamente destruidas, a ultima das quais por D. Fernando, quando das suas guerras com Castela, para que o inimigo se não apoderasse dela, e ahi se intrincheirasse.

A Egreja da Misericordia, fundada no ultimo quartel do seculo XVI, possui um frontespicio magestoso, duas elegantes torres, e é ornamentada com cantarias bem lavradas e com talhas de valor.

Numa das torres da cidade, estabeleceu-se um posto metereologico, de utilidade incontestavel. Costuma dizer-se que a Guarda é a cidade dos quatro ff, isto é, *feia, forte, fria e farta,* resumindo assimas suas principais caracteristicas.

Bernardino SARAIVA.

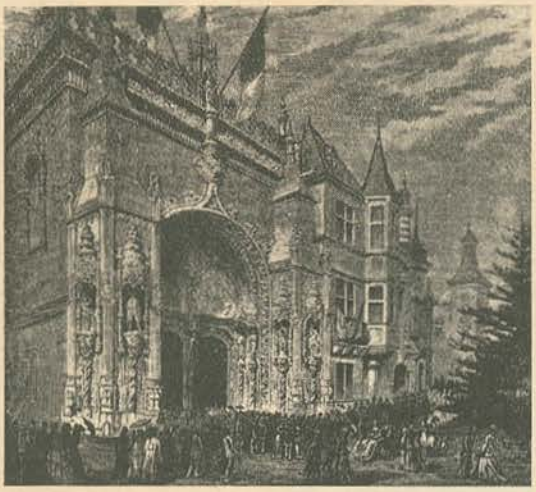
(*Clichés* do auctor.)



A' direita: Vista geral da Guarda, tirada da Terraço da Sé, destacando-se a greja da Misericordia e o Observatorio
A' esquerda: A porta principal da Sé

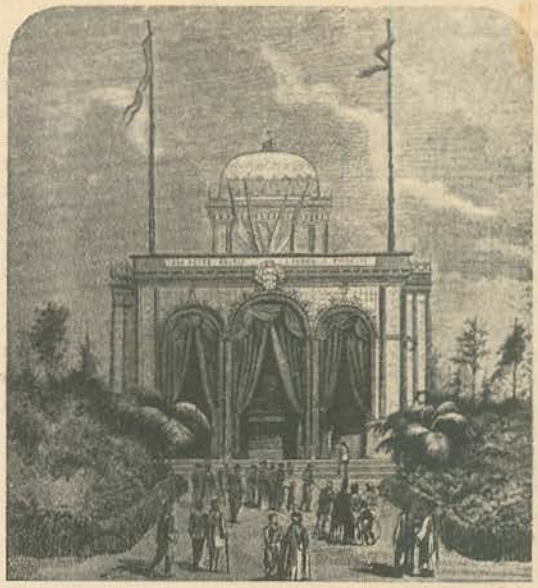
Ha Muitos Anos...

Portugal, na Exposição de Paris de 1878

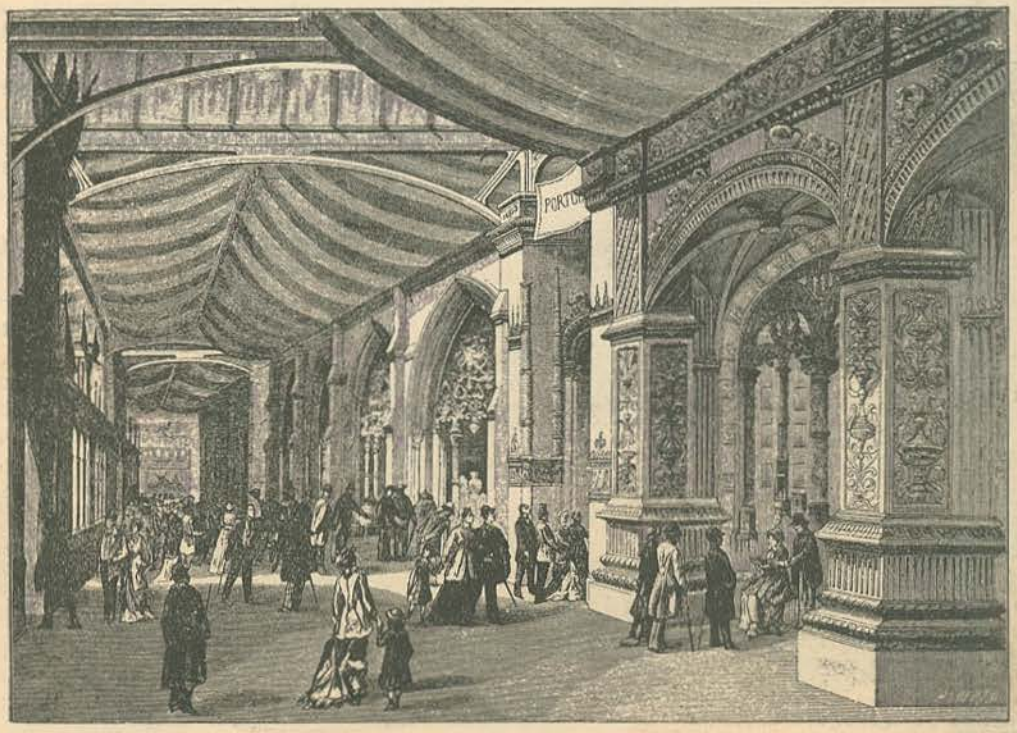


Fachada do Pavilhão Portuguez na Rua das Nações

FORAM sempre, as exposições de Paris, grandes certamens mundiaes, constituindo, a sua realização o assunto, por excelencia, do ano em que se realizavam. Todos os países do mundo se faziam representar nelas, competindo, como é natural, no luxo e propriedade das suas instalações e na variedade e qualidade dos produtos expostos. Na de 1878, figurou Portugal com dois magnificos pavilhões, propriamente o Pavilhão Portuguez e um Pavilhão Colonial, dos quais dão idéa as gravuras que reproduzimos do quinzenario *O Ocidente* (n.os 13 e 23, do 1.º ano, de 1 de Julho e 1 de Dezembro de 1878).



O Pavilhão das Colonias Portuguezas, no Campo de Marte



Vista interior da galeria do Pavilhão Portuguez

"Estrelas" e "Azes" do Cinema

A bem característica expressão de ingenuidade de Mabel Normand

UMA triste noticia: Morreu Wallace Reid, joven actor americano, interprete de numerosas peliculas, que foram verdadeiras creações. Tendo nascido em S. Luiz, ha trinta anos, abordou quasi todas as profissões antes de entrar no «studio», desde jornalista a «cow-boy». Começou a filmar na Selig, tendo até tomado a seu cargo a «mise-en-scène». Escreveu o entrecho de «A confissão», que foi interpretada por Henry Walthall. Depois desempenhou varios papeis em pequenos «films» do Far-West (The Countess Betty's Mine), foi o protagonista do «Abraham Lincoln» e interpretou «A origem de uma nação» de Griffith. Apareceu, depois, numa série de produções com Geraldine Farrar: «Maria Rosa», «Joana d'Arc», «Carmen», «O talisman», «Os conquistadores». Foi o companheiro de trabalho de Elsie Ferguson e de Dorothy Gish nas peliculas «Forever» e «Heidelberg».

Contratado, em 1916, pela Paramont, que ele não devia mais deixar, interpretou numerosos dramas de aventuras, vindo depois a reservar-se aos papeis de «sportman», e assim filmou:

«Entre o martelo e a bigorna», «Um marido por um dollar», «O seu 40 H P», «Campeão de amor e velocidade», «Sempre a audacia», «A escola do encanto», «Comboio especial» e muitas outras. Brevemente serão apresentadas peliculas do desditoso artista, que a morte levou na força da vida e do explendor; entre elas já estão anunciadas: «O coração engana-nos», com Gloria Swanson; «Excesso de velocidade», com Agnès Ayres; «Crise de habitações», com Lila Jee e ainda com esta atriz «Para salvar um reino».

Os seus ultimos sucessos, na America, foram: «Peter Ibethson», um «film» romantico; «Aeron the continent», «The Ghost Bresker», com Lila Lee; «Nice Peuple», com Bébé Daniels, e «Clarence», com May Mac, Avo· Agnés Ayres e Kathelyn William.

Wallace Reid ainda começou a filmar a pelicula «Nobody's Money, mas, a doença impediu-o de concluir este trabalho, sendo substituido por Jack Holt.

Casado, ha já alguns anos, com Dorothy Davenport, sua companheira de trabalho, no começo da sua entrada no cinema, Wallace Reid deixou dois filhos.

— Gloria Swanson filmou, com enorme exito, as quatro produções da Paramont: «The Impossible Nors-Belleu», «My american Wife», «Prodigal Danghters» e «Hollywood».

A talentosa actriz italiana, Hesperia, num dos seus ultimos trabalhos

Wallace Reid, o malogrado actor americano, ha pouco falecido

— Mary Mile Minter, a formosa actriz da Reatard, actualmente na Paramont, obteve ultimamente dois grandes exitos com o seu trabalho nos «films»: «The Trail of Somesonse Pine» e «The Coroboy and the Lady».

— O conhecido William S. Hart já não deixa a cinematografia, como se disse, quando este actor estava filmando a pelicula «White Oak». Depois de alguns mezes de férias voltou para a California, tencionando, agora, produzir, sómente, quatro «films» por ano, de maneira que estes possam ser considerados como obras de valor.

FIGURAS & FACTOS

A joven aluna da Escola da Arte de Representar, Maria Tereza, que tanto se distinguiu nas *Rosas de todo o ano*, por ocasião da ultima audição, no Teatro Nacional, dos alunos da mesma Escola

(*Cliché* Fotografia Brasil.)

Leitura do elogio das victimas do desastre, ha um ano, na doca de Belem, por ocasião da sessão solene, de homenagem ás mesmas victimas, realisada no dia 9, na esquadrilha de submersiveis

(*Cliché* Salgado)

Aspecto da ornamentação da estação de Trofa, quando da passagem, por ali, dos aviadores Gago Coutinho e Sacadura Cabral, a caminho de Braga

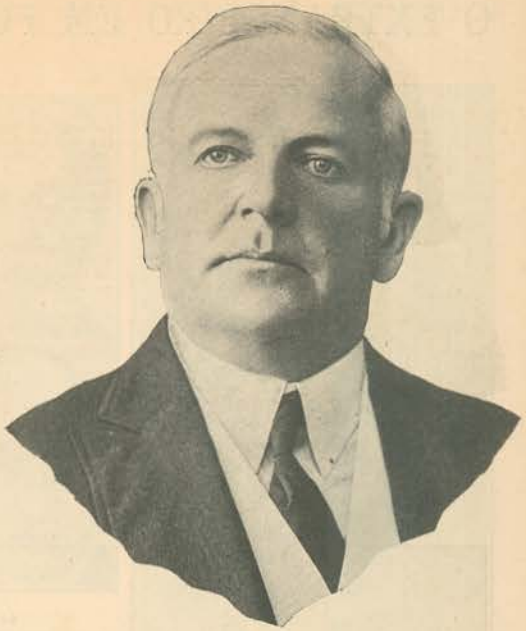
Dr. Daniel de Matos

m homenagem á memoria de qu m os alumnos d 3.º ano de medi i a d Universidade de Coimbra inaugurarão o retrato, no dia 24 do corrente, na antiga clinica do illustre professor

Professor Alfredo Apell

A quem a Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa acaba de conferir o grau de doutor

D. Ivone da Fonseca, sobrinha do sr. Marino da Fonseca, director geral das alfandegas da provincia de Moçambique, e o sr. Bento de Sousa Lobo Salema, cujo casamento se realisou recentemente em Lourenço Marques



Tomaz Birch

Ex-ministro dos Estados Unidos da America do Norte em Lisboa, que partiu no dia 8, para o seu paiz, a bordo do paquete *Andes*

Capitão Antonio Maia

Comandante do Grupo da Esquadrilha de Aviação Republica, homenageado pela restante oficialidade quando da comemoração, n dia 6 do corrente, do 5.º aniversario da organisação do mesmo Grupo

Dr. Costa Lobo

Director do Observatorio Astronomico de Coimbra, regressado ha dias do estrangeiro, onde fôra adquirir material para aquele estabelecimento scientifico

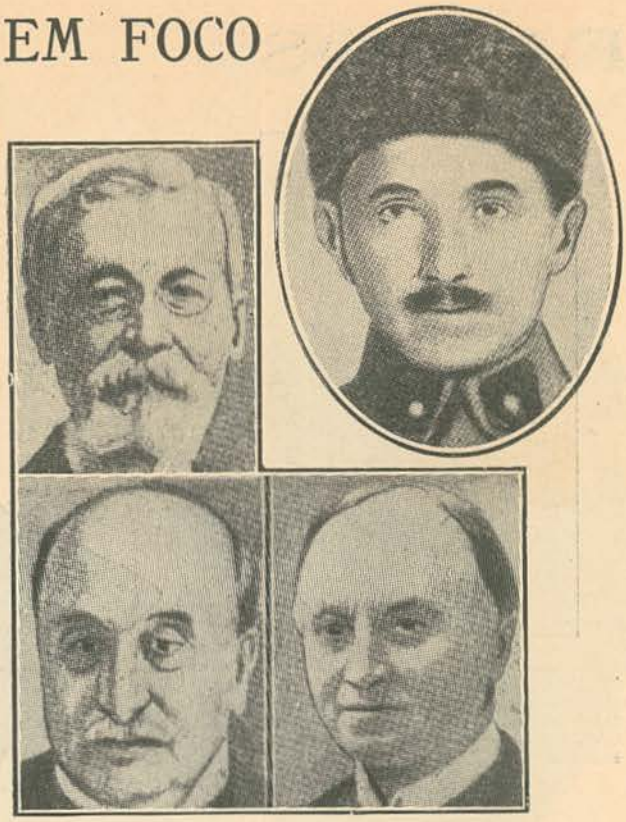
Uma parte da assistencia ao almoço de confraternisação, oferecido no dia 6, no Café Tavares, pelo Triangulo Vermelho em Portugal aos srs. C. D. Henry e A. W. Hausen, secretarios daquela agremiação na America

(*Cliché* Salgado)

O EXTRANGEIRO EM FOCO

A entrega dos prisioneiros espanhois de Melilla

Barcaça carregada de prisioneiros feitos pelos mouros, quando da derrota de Melilla, e que acabam de ser devolvidos á Espanha

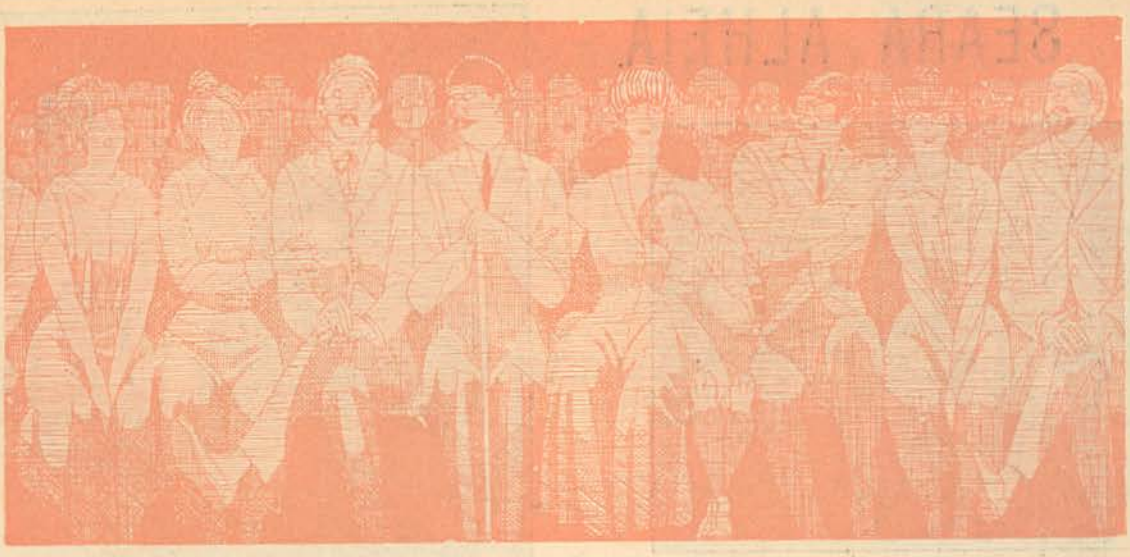


Os plenipotenciarios de Lausanne

Na oval: *Ismet Pachá, representante da Turquia;* á direita: *Bompard, um dos representantes da França;* em baixo: *o Marquez Garroni* e lord *Curzon, representantes, respectivamente, da Italia e da Grã-Bretanha*

Julgamento dos industriais alemães pelo conselho de guerra francez, em Mayance, no dia 24 do mez findo

(A' esquerda, em frente do gendarme, *os réus Fritz Tyssen, Kersten, Wustenhofer e Tengelmann)*



PEÇAS DE CARNAVAL

No Carnaval, quasi todos os nossos teatros enxertaram nos espectaculos habituais algum atractivo em honra do Deus folião: intercalaram-se quadros burlescos em revistas igualmente burlescas, foram-se buscar aos arquivos velhos actos para rir e até nos apareceu uma peça, escrita talvez com intenções farcistas, mas absolutamente tragica. Foi a de Nascimento Fernandes, *Espectros*, representada na saleta Foz (ha quem lhe chame *salão*, por ironia) na noite de 8 do corrente mês, a seguir á comedia *Arroz doce*.

Os leitores sabem que Nascimento Fernandes é autor da *Falencia duma padaria*, obra de titulo sugestivo em extremo, porque não ha exemplo de nenhuma padaria ter falido até hoje, e por essa amostra o teem como autor comico; pois enganam-se. Nascimento Fernandes acaba de ganhar fóros de autor dramatico, quiçá tragico e patologico. Os *Espectros* arrepiam-nos e crispam-nos os nervos, como se fossem uma duzia de unhas aparadas em bico, raspando com insistencia, durante uma hora, numa parede caiada; nêsse acto luminoso e simultaneamente pavoroso, Nascimento Fernandes, quer como auctor, quer como actor, é formidavel, assombra-nos, esmaga-nos, pulverisa-nos!

Querem os senhores saber o que acontece a Paulino Dias, o heroi do *Arroz dôce*, depois de vêr perdidas as suas ilusões, alimentadas durante os três actos da comedia? Sobe-lhe o desgosto á cabeça, começa a falar em estilo futurista, perde a flexibilidade digito-guitarral, frequenta as tabernas e, por fim, beberricando copinhos da *rija*, abancando entre fadistas e na presença das duas pêgas do *Arroz dôce* — agora tambem na miseria, em castigo de seus vicios e artimanhas — resignado, escutando, tremulo, as variações do seu sucessor *Leite crême*, nas magoadas cordas da banza, perde gradualmente as forças, encosta a cabeça á mesa de pinho, vomita golfadas de sangue e expira! Expira — e fica em tal estado de prostração, que mal póde, daí a pouco, abrir a boca, para declarar á pobre viuva que está definitivamente morto!

Bravo, seu Nascimento! Você, como actor, foi Vico e foi Zacconi; como auctor, foi Shakspeare, foi Ibsen, e, ainda lhe dizemos mais: foi Afonso Gaio!

Bravo!

Tambem é muito triste a revistinha *Fruta do tempo* da autoria de *Varius* e *Cruz Braz*, pseudonimos que, evidentemente, não ocultam os nomes de Ernesto Rodrigues nem de Filipe Duarte. Não chega a ser tragedia, como os *Espectros* do Nascimento; no entanto, a melancolia envolve, num mais funereo manto, os seus quatro ou cinco quadros e o espectador, depois de a vêr, sai do teatro com idéas vagas e negras de suicidio.

Para sermos inteiramente justos, devemos, porém, dizer que na pequenina peça com que o teatro de *S. Luis* entristeceu as suas recitas carnavalescas, ha uma personagem deveras engraçada: é o *Sem graça*, a cargo do actor Vasco Sant'Ana. Se os autores fossem experientes, aproveitariam até essa personagem para titulo da sua revista: bem se sabe que a *Fruta do tempo* é falta de graça, mas a declaração clara e incisiva nos cartazes seria uma determinante muito atendivel no delito cometido. Não ha juri nenhum que não tome em boa consideração a confissão espontanea do reu.

MARIO COSTA.

SEARA ALHEIA

— Como veem, já começou a reconstrução das casas destruídas pelos alemães.
— Que pena! Quanto não eram mais pitorescas as ruinas!

(De *Life.*)

— Olha lá, mamã, se o bébé ficar debaixo de algum automovel ou os ladrões o levarem queres que acabe o passeio e venha depois dizer-te ou que venha dizer-te para acabar o passeio depois?...

(De *Punch.*)

— Olha, olha, é o professor que me vae ensinar a andar a cavalo!...
— Irra! Com professores assim, até dá gosto aprender... a andar a pé...

(De *Caras y Caretas.*)

— Imagina tu que a senhora minha modista recusa-se a continuar a fiar-me! Vim cá para te pedir que me recomendes á tua... (De *Judge.*)

— Meu marido é um grande admirador de tudo quanto eu possuo: olhos, voz, mãos...
— E tu, que admiras mais, nele?
— O bom gosto...

(De *Petit Parisien.*)

— Cedo-lhe o quadro com uma condição: alojar-me durante oito dias...
— Está bem... mas, além do quadro, ha de pintar-me as janelas, de novo!...

(De *L'Intransegeant.*)

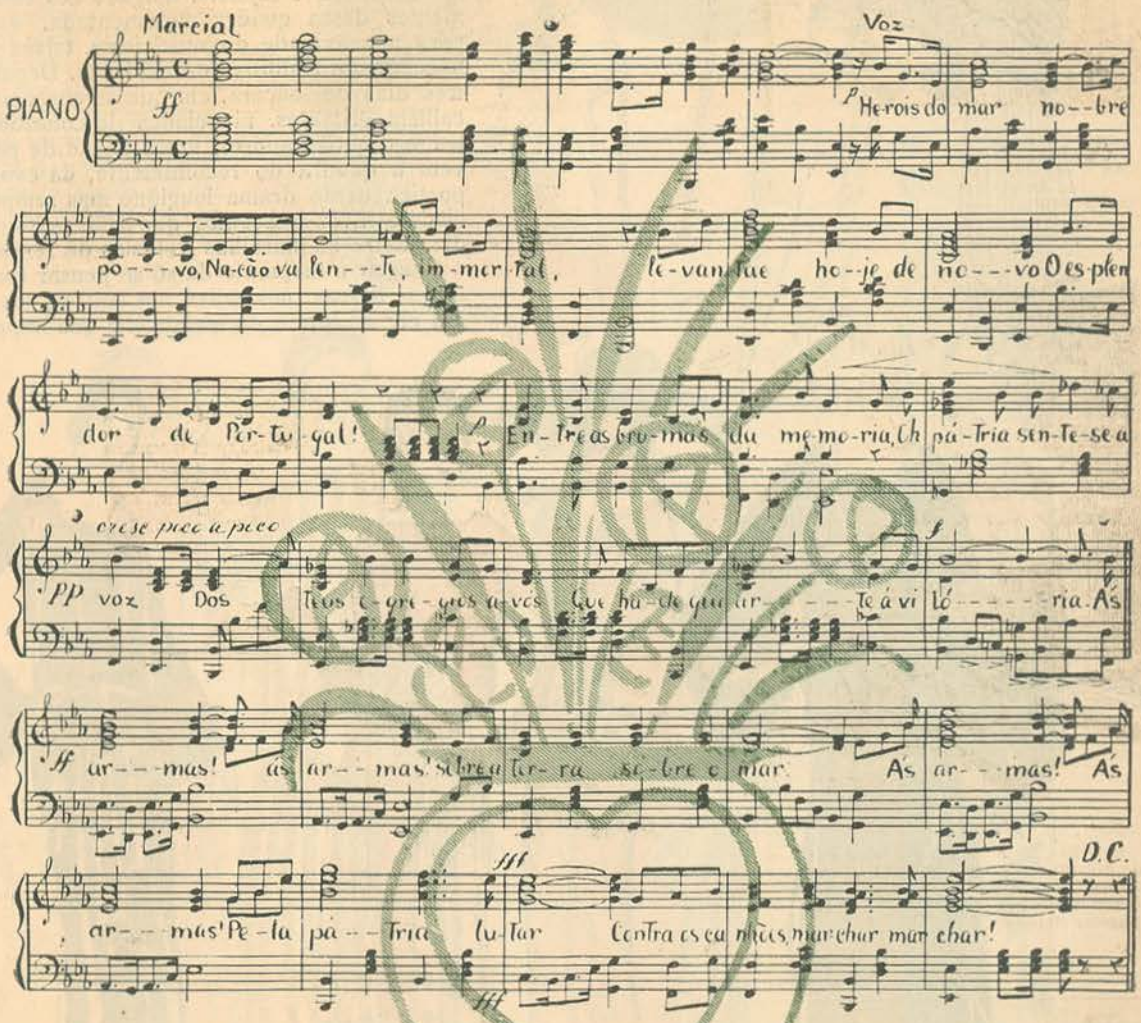
PAGINA MUSICAL

Letra de H. Lopes de Mendonça

A PORTUGUÊSA

HINO NACIONAL

Musica de Alfredo Keil



I

Desfralda a invicta bandeira
A' luz viva do teu cen!
Brade a Europa á terra inteira
Portugal não pereceu!
Beija o solo teu jocundo
O Oceano a rugir d'amor;
E o teu braço vencedor
Deu mundos novos ao mundo!
A's armas, etc.

II

Saudai o Sol que desponta
Sôbre um ridente porvir;
Seja o eco de uma afronta
O sinal de resurgir.
Raios d'essa aurora forte
São como beijos de mãe,
Que nos guardam, nos sustem,
Contra as injurias da Sorte.
A's armas, etc.

Pagina Elegante

ESCOADAS as sombras da ultima noite de Carnaval, o espirito, fatigado dos estonteamentos dessa quadra movimentada, volta-se para a suavidade do misticismo, talvez numa necessidade instintiva de expiação. Depois dos tres dias de loucura, em que os ouropeis cascalham gritantes, pincelados de coloridos fortes e desorientadores, numa ilusão de pompa, vem a quadra do recolhimento, da evocação poetica desse drama longiquo mas sempre viciado atravez os seculos, que se desenrolou um dia, entre as muralhas vetustas de Jerusalem.

Chegou o momento de só se pensar em «toilettes» negras; nos bailes, nos teatros, nas ruas, é a côr do luto e da melancolia que impera. E em torno das vitrines das modas, a folhear, numa ancia de pesquisa, as revistas de elegancias que nos chegam do estrangeiro, comprimem-se as impaciencias, em busca de modelos apropriados á epoca e á côr que neste momento se impõe.

Agarena de Leão.

1—Chapeu em panne guarnecido com fitas ornados com picot. 2—Chapeu de setim ornamentado com uma fantasia de Heron. 3—Vestido de setim guarnecido de singe. 4—Toilette de gabardine bordada a poutache. 5—Toilette de marroquim ornamentada com barras de seda. 6—Toilette de pano preto fino ornamentada com barras de tecido claro e bordados metalicos.

1—Chapeu em panne guarnecido com pradis. 2—Chapeu de setim preto. 3—Toilette de baile em crepe satin. 4—Toilette de jantar em marocain, guarnecida com fitas frisadas. 5—Vestido de passeio em pano ornamentado com uma larga fita de seda. 6—Toilette de jantar em crepe oriental e setim preto

AQUI SE DIRA DOS LIVROS CUJOS AUTORES, ENVIANDO-OS Á BIBLIOTECA DA *ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA*, MANIFESTEM O DESEJO DE SER FALADOS

ONDE SE CONVERSARA' COM OS LEITORES A PROPOSITO DE TUDO E O MAIS QUE OCORRER.

ODES DE ANACREONTE, trad. de L. CALADO NUNES

Luís Calado Nunes, poeta, musico, desenhador, artista até á medula, morreu longe da velhice, tendo consagrado a sua actividade ao ensino, como professor do curso secundario de letras. Traduzindo Horacio e Anacreonte, soube desempenhar-se da tarefa por forma que as formosuras originais dos gloriosos cultores das musas em nada ficassem diminuidas. Temos presente a sua versão das *Odes de Anacreonte*, entre as quaes se contam algumas que figuraram nas paginas da *Ilustração Portugueza*. O trabalho de Luís Calado Nunes é simplesmente soberbo. As maravilhas anacreonticas conservam todo o seu sabor e toda a sua graça na tradução do malogrado poeta. O elogio do amor e do vinho, dos prazeres sensuaes e da eterna mocidade do coração, que se ri dos cabelos brancos, ninguem como Anacreonte o teceu. E os que estranham Antonio Boto e se arrepelam quando lêem, atirando para o lado, com repulsa, as suas *Canções*, podem verificar, no *Retrato de Batilo* e em *O transeunte e a pomba*, duas das odes do volume, que o velho grego de Teos é um remoto mas autentico antepassado do audacioso panegirista dos Batilos contemporaneos...

FLORES DO FRIO, por Claudio Basto

Homem de sciencia e homem de letras, erudito e artista, desfrutando uma reputação merecidissima, embora o seu nome não seja popular, o sr. Claudio Basto, no seu novo e belo volume intitulado *Flôres do frio*, confirma as suas notaveis qualidades de estilista, que tem, simultaneamente, o culto da elegancia da forma e da requintada pureza da linguagem. Claudio Basto é, neste interessante e delicado livro, um poeta que escreve em prosa, com um esmero, uma finura de recorte, um equilibrio, uma harmonia que o tornam inconfundivel; um poeta ao mesmo tempo sentimental, ironico, realista, madrigalesco, elegiaco, tão brilhante quando esboça e ergue um perfil feminino ou desenha uma paisagem, como fino psicologo quando desvenda e analisa uma alma. Cada capitulo saboreia-se como um raro acepipe e hesitamos em dizer qual nos agrada mais porque todos eles encerram encantos novos e diversos. *Flores do frio* constitue uma joia literaria e tambem um primor editorial que honra a tipografia de Viana do Castelo, de onde saiu. O capitulo final é uma sentida homenagem ao excelso espirito de João da Rocha. A obra de Claudio Basto pertence ao restrito numero das que podem recomendar-se sem sombra de favor.

A RAPARIGA DAS FLORES, por Alberto Mera

Delicioso conto do Natal, simples, comovente, escrito numa linguagem despretenciosa e limpida, sem deixar de ser elegante. *A rapariga das ruas* lê-se de um folego. O sr. Alberto Mera destina o producto da sua venda á benemerita instituição das *Florinhas da rua* e isto duplica-lhe o valor. O sr. arcebispo de Mitilene, prefaciando o conto, classifica de «carinhoso» o autor, um dos amigos mais dedicados d'aquela obra de assistencia, ainda na frase de monsenhor Lima Vidal. A edição é um autentico mimo e vem enriquecida com uma aguarela de Maria Adelaide da Lima Cruz, pequenina artista de real talento.

A. de A.

ZEFIRO.—As quadras de feitio popular teem de ser espontaneas; sem esse requisito perdem toda a beleza. Na sua ultima remessa ha uma que é boa. E' esta:

Foges de mim com enleio
Não me aceitas beijo algum
Quem sabe se tens recelo
Que eu te dê apenas um!

As outras, não.

H. S. O. (Pau).—São de aprovar os seus versos, mas... mas pode fazer melhor. No soneto, rimam três diminuitivos: baixinho, pobresinho *e* mansinho. *Que pobreza! O Quando se é novo é correcto, mas de adjectivação velha e pensamentos gastos.*

D. C.—(Espinho).—Conforme verificará, na pagina respectiva, iniciamos hoje, em conformidade com o aviso que publicamos no anterior numero da Ilustração, *a publicação dos hinos nacionaes dos diversos paises. Como era natural, começamos por* A Portugueza. *O hino brasileiro, será, porém, o segundo. Já era a nossa intenção, muito folgando nós com que ela corresponda aos votos de V. Ex.as, expressos na sua amavel carta.*

MANUEL DA ALDEIA.—Cá tem 7 valores. E' muito pouco.

J. A. Santos.—Não sabemos se ha em portuguez o livro a que se refere. A tal poesia não é soneto: tem razão. O soneto obedece a regras determinadas pelos classicos; não admite rimas ad libitum. *Na sua* Saudade *ha duas quadras aceitaveis. Leia o que dizemos a* Zefiro.

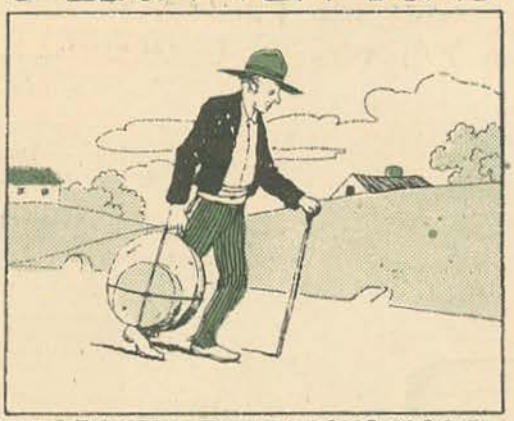
UMA CONCORRENTE.—(Matosinhos).—Já se explicou que até ao dia 20 do corrente se receberão soluções do nosso concurso das Mascaras Misteriosas. E' quando termina o praso de um mez, fixado para a respectiva entrega. Portanto, está V. Ex.a muito a tempo. O resultado do mesmo concurso será publicado no numero da Ilustração Portugueza *do dia 24.*

J. SILVA—(Porto).—Cá tem 4 valores.

BARRETO PEDROSO—(Coimbra).—Não queremos tirar aos futuros leitores do Missal dum desiludido *o encanto da surpreza. Quanto a contos é claro que publicamos os que forem bons.*

PAGINA INFANTIL

O ZÉCA TEM BOAS IDEAS



1-O TIO PEDRO TRAZ DA CIDADE DOIS QUEIJOS TÃO GRANDES QUE MAL PODE COM ELES.

2-PASSA O ZÉCA: NÃO SE RALE, TIO PEDRO, QUE EU TENHO UMA IDEA.

3-ZÉCA FURA O QUEIJO MAIS PEQUENO COM O PAU DO TIO PEDRO,

4-CORTA D'UMA ARVORE DUAS BRACITAS...

4-E COM UM POUCO DE TRABALHO...

6-DÁ UM ALEGRÃO AO TIO PEDRO QUE LÁ LEVA OS SEUS QUEIJOS SEM SE CANÇAR.

ESFINGIA

Decifrações das produções publicadas no numero transato:

Enigma: Não tem decifração.
Charadas em verso: Capacidade—Carapau.
Enigma pitoresco: Homem grande, cavalo de pau.
Logogrifo: Lagrimas de saudade.

ENIGMAS

De nove letras formado,
Encerra quatro vogaes,
Depois, o mais engraçado,
E' que são todas eguaes.

Terceira, segunda e quarta,
Com mais quinta, é animal;
Prima, segunda e terceira,
Uma palavrinha egual.

Sexta e setima, apelido:
A setima, oitava e nona,
Nome proprio de mulher,
Estas letras menciona.

Matute, caro colega,
Se importancia a isto liga,
E verá que vae achar,
Uma arma muito antiga.

Tristão & C.ª

*

O homem tinha seis letras,
Tinha-as a terra tambem;
Mas achavam-se com quatro,
Se as contassem muito bem.

Deram quatro a uma mulher,
E ela encontrou-se com trez:
Ao homem tiraram quatro,
Vae ele e tombou de vez.
(Apesar de que essas quatro ,não eram quatro, eram trez).

Perdeu a terra, das letras
As mesmas quatro tambem;
Tornou-se tão generosa,
Que dá tudo quanto tem

Um & Outro

CHARADAS EM VERSO

(A's eximias colegas *Dama oculta, Adiragram, Alda Modesto, Lucia Lima, Violeta, Alda Gomes e Mãe & Filha*).

Camaradas, vinde á liça,
E direi, sem vacilar,
Qual o jogo de familia,
Que todos sabem jogar—2

Já sabeis?—Vamos a outro,
Sempre firmes no seu posto;
Quaes as coisas que traduzem,
Orgãos de palavra e gosto?—3

Agora, é só procurar
O seu conceito geral,
E vereis se dá ou não,
Uma planta vegetal.

Tia Aldina

*

(Ao engraçado colega «S. Paio»)

Disse o sabio *feiticeiro*—2
Com certo *modo* de falar:—1
Tudo quanto se faça e diga,
Tem um fito: melindrar.

Marco Lino

CHARADAS EM FRASE

Foi com o instrumento que estava sobre a meza, que fiz o concerto na carruagem—2—2.

Limario

*

Não anda o instrumento, porque ha qualquer coisa que o prende.—2—2.

Leiria

Florido

*

Desde o principio d'este mez que sinto um desalento...1—2.

Dr. Misterio

*

O portador conduz na bandeja o que oferece a esta terra portugueza—2—1.

Vendas Novas

Careca

*

Por favor não toque a musica em frente d'este estabelecimento—2—3.

Dois liricos

*

*

QUADRO DE HONRA

Vasco Reis—Dominó azul—C. Sil el—Adiragram—Sant'ana—Miguel Marques—Marchic—Obnitsoja—Um principiante—Lucia Lima—Do 14—Dr. Saloio—Pam—Tia Aldina—Olluj Atsoc—Josolicos—A. Vieira—Tiduj—Marco Lino—A. B. C.—Castor & Polux—J. A. Santos—Bemvinda—M. T. Raposo—Dó sustenido—Alvaro—Pires & Coutinho—Club do Silencio—Tira Dentes—Dr. Mostarda

Campeões decifradores do penultimo numero.

LOGOGRIFO

Sobre os belos versos—«CABELOS BRANCOS—do saudoso poeta Antonio Feijó.

Não repares na côr dos meus cabelos
Sem lêr primeiro Anacreonte;
Verás que os sonhos juvenis, mais belos,
Tambem se evolam d'enrugada *fronte*...
3—2—14—8—2

O espirito do poeta é sempre moço;
O coração nunca envelhece...
Basta um sorriso, um nada, um alvoroço,
E tudo n'ele se ilumina e se aquece.-é
13—12—1—2

Deusas de terna graça adolescente,
Jámais as musas desdenharam
Da luz que treme incendiando o poente,
Dos rouxinoes que ao pôr do *sol* cantaram.7—5—8—3—2

Fina e fragil vergontea melindrosa,
Que foi na ceifa abandonada,
Ruth, apesar de moça e de formosa,
Nos braços de Booz dorme encantada.

Quantas *flores* de inedita fragancia—3—
2—14—4—5
Em mãos provectas vão abrindo...
Abisag, ao sair quasi da infancia,
No leito de David entrou sorrindo.

E d'esse beijo, inverno e primavera,
D'esse conubio, oh maravilha!
Como se a ruina fecundasse a hera,
Veiu á luz uma estrela, que ainda brilha

Esculturaes patricias, de olhos ledos,
Quem as lembrara, se deixassem
Que mãos *obscuras* mercenarios dedos.
8—3—11—5—8—E—5
A velhice de Horacio engrinaldassem?

Quantos nomes ilustres! Quantos casos!
Mas que direi mais eloquente?
Não ha dias tão palidos e ocasos
Como explosões d'uma cratera ardente?

Não repares na *côr* dos meus cabelos,—
12—2—I,—2—3—9—10—2
A branda luz que n'eles arde,
Como o poente, das nuvens faz castelos,
Finge d'alva o crepusculo da tarde...

Muita vez os cabelos embranquecem
Na dôr horriveis sofrimentos...
Não são os anos que nos envelhecem;
São certas horas más, certos momentos...

Violeta

Indicações uteis

No proximo sabado sairão publicadas na *Ilustração Portugueza* as decifrações das produções insertas n'este numero.

—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser enviada ao *Seculo* e endereçada a José Pedro do Carmo.

—Ao director d'esta secção assiste o direito de não publicar produções que julgue imperfeitas.

—Só é conferido o Quadro de Honra a quem envie todas as decifrações exatas, entregues até cinco dias após a saida d'este numero, ás 16 horas, na sucursal do Rocio.

—Todas as produções devem vir escritas em separado, e os enigmas pitorescos bem desenhados em papel liso e tinta da China.